

RESENHAS

Strawson, P. F. *Ceticismo e Naturalismo: algumas variedades*.
Tradução de Jaimir Conte. São Leopoldo: Editora Unisinos,
2008, 114 páginas

*Itamar Luís Gelain**

Ceticismo e Naturalismo de Peter F. Strawson é dedicado, sobretudo, ao naturalismo, conforme indica o próprio título. A referida obra, segundo o autor, atende a dois propósitos diferentes, embora, relacionados. O primeiro, no campo da epistemologia, mostra a ineficácia dos argumentos transcendentais, usados primeiramente na obra *Indivíduos*, para fazer frente ao ceticismo no que diz respeito a determinadas crenças ou pressuposições que integram o esquema conceitual. Esse reconhecimento é motivado pelas críticas que Barry Stroud teceu no artigo *Argumentos Transcendentais* de 1968, à estratégia transcendental strawsoniana. Strawson reconheceu como legítimas as críticas e propôs o naturalismo como a nova arma para neutralizar o ceticismo. Esse naturalismo está inspirado em Hume e no segundo Wittgenstein. Enquanto o primeiro propõe o naturalismo como refúgio do ceticismo, o segundo pensa que os questionamentos céticos podem ser enfrentados num “campo teórico”. Seguindo, portanto, a argumentação de Wittgenstein, Strawson afirma que as crenças que o ceticismo quer por à prova não carecem de justificação racional, pois, estas possuem um estatuto diferenciado das proposições empíricas que são suscetíveis de verificação. Ou melhor, algumas crenças – como a do mundo externo – integram a estrutura do esquema conceitual, ou seja, definem “o campo de nossa competência racional e crítica”. Desse modo, se o ceticismo coloca em dúvida tais crenças, ele estaria negando “a condição de possibilidade do pensamento em geral”. Nessa perspectiva, o

*Mestre em Filosofia pela UFSM. *E-mail*: itamarluis@gmail.com. Resenha recebida em 30.10.2008 e aprovada em 12.12.2008.

naturalismo strawsoniano como resposta aos questionamentos céticos consiste em aceitar certas tendências naturais a crer em determinadas coisas, certos hábitos de pensamento que não podem ser colocados em dúvida, pois se estes são questionados, torna-se impossível não somente de viver, como assinalou Hume, mas impossível de se iniciar qualquer pensamento, como sugere Strawson .

Ainda que Strawson tenha aceitado o criticismo de Stroud em relação aos argumentos transcendentais é importante sublinhar que estes argumentos não são abandonados definitivamente. Valendo-se do lema de Forster – apenas conectar – Strawson atribui aos argumentos transcendentais a função de conectores conceituais. Em outras palavras, esses argumentos não são mais pensados como anticéticos, pois, os mesmos têm por papel, agora, mostrar tão somente as conexões conceituais no interior do esquema conceitual.

O segundo propósito da obra, posto no campo da moralidade, da filosofia da mente e da teoria do significado, visa mostrar as limitações de posições reducionistas no que concerne ao estudo da realidade. Esse tipo de posição é assumida pelo naturalismo estrito ou reducionista, o qual acaba deixando fora da explicação teórica campos inteligíveis da linguagem, como é o caso da moral, das qualidades secundárias e das entidades intencionais, que por sua vez são relegadas ao âmbito do “meramente subjetivo”. Contra o naturalismo estrito ou reducionista, propõe-se um naturalismo “católico” ou “liberal” no intuito de frear o imperialismo intelectual tão característico de disciplinas particulares e, sobretudo, da ciência. O naturalismo liberal strawsoniano busca integrar ao tratamento teórico “certos tipos de entidades” que “nos referimos na linguagem cotidiana” e que são descartadas pelo naturalismo reducionista.

Para resolver aparentes conflitos entre perspectivas distintas (naturalismo liberal e reducionista) que se pode adotar no que diz respeito à moralidade e às entidades intencionais, Strawson propõe o “movimento relativizador”. O “movimento relativizador” busca atenuar o conflito entre a visão do cientificismo e a do “senso comum” (linguagem ordinária ou cotidiana). Dito de outra maneira, de modo mais preciso, tal movimento tenta mostrar que de fato não existe conflito algum entre ambas as posições, pois, não há “um ponto de

vista metafísico absoluto a partir do qual podemos julgar entre os dois pontos de vistas”. Essa posição strawsoniana está sedimentada no seu projeto de metafísica descritiva, o qual visa descrever a “estrutura de nosso pensamento sobre o mundo”, ou seja, elucidar os conceitos mais gerais que constituem o esquema conceitual e, que são pressupostos *consciente ou inconscientemente* pelas disciplinas particulares e pela “ciência” em suas investigações.

Por fim, queremos apontar aqui duas observações acerca da tradução realizada pelo professor Jaimir Conte. Antes disso, no que concerne a tradução em geral, deve-se dizer que a mesma cumpriu o requisito primordial, ou seja, mais que traduzir palavras traduz-se idéias e conceitos. E isso foi seguido rigorosamente pelo professor Conte, e por isso temos uma excelente tradução em língua portuguesa da obra *Ceticismo e Naturalismo*.

As observações acerca da tradução são as seguintes. A primeira se refere à tradução da expressão “only connect”. O professor Conte acabou traduzindo a mesma pela expressão “apenas relacionar”. Esta tradução não é a mais apropriada. Como alternativa proponho a expressão “apenas conectar”. Pois Strawson, quando usa esta expressão, está se referindo ao novo papel dos argumentos transcendentais em virtude das críticas de Stroud. E ele diz que os argumentos transcendentais têm a função de mostrar as conexões conceituais, ou melhor, os argumentos transcendentais são conectores conceituais no interior do esquema conceitual. A segunda observação diz respeito à tradução da palavra “parallel” por analogia e paralelo. Strawson, quando usa a palavra “parallel”, não está pensando em falar por meio duma analogia. Na verdade, ele está querendo falar a partir de um paralelo ou um paralelismo entre dois casos ou pontos de vista. Nesse caso, o paralelismo é posto com o “movimento relativizador” que busca “reconciliar” duas posições teóricas aparentemente conflitantes. Portanto, traduzir “parallel” por analogia pode ser um pouco perigoso. Considerando isso, proponho que a tradução mais apropriada para “parallel” seja paralelo ou paralelismo em vez de analogia.